

|                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------|-----|
| Breve Nota de Leitura de <i>O Amigo Comum</i>                | 7   |
| <br>Livro I — Entre o Dizer e o Fazer Muita Coisa Há Que Ver |     |
| I. De Atalaia                                                | 11  |
| II. O Homem de Nenhures                                      | 15  |
| III. Um Outro Homem                                          | 25  |
| IV. A Família R. Wilfer                                      | 37  |
| V. A Residência de Boffin                                    | 48  |
| VI. À Deriva                                                 | 62  |
| VII. Wegg Trata de Si                                        | 76  |
| VIII. O Senhor Boffin em Reunião                             | 85  |
| IX. O Senhor e a Senhora Boffin em Reunião                   | 96  |
| X. Um Contrato de Casamento                                  | 109 |
| XI. Podsnapismo                                              | 122 |
| XII. O Suor do Rosto de Um Homem Honesto                     | 137 |
| XIII. No Rasto da Ave de Rapina                              | 150 |
| XIV. O Derrube da Ave de Rapina                              | 160 |
| XV. Dois Novos Servidores                                    | 168 |
| XVI. Crianças Recolhidas e Recordações                       | 180 |
| XVII. Um Pântano Sombrio                                     | 194 |
| <br>Livro II — Farinha do Mesmo Saco                         |     |
| I. Sobre Um Pedagogo                                         | 199 |
| II. Ainda sobre Pedagogia                                    | 215 |
| III. Uma Empreitada                                          | 225 |
| IV. Convite a Cupido                                         | 236 |
| V. A Deixa de Mercúrio                                       | 247 |
| VI. Um Enigma sem Solução                                    | 260 |
| VII. Um Acordo Amigável                                      | 273 |
| VIII. Inocente Fuga da Casa Paterna                          | 282 |

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| IX. Testamento de Um Órfão                                                      | 297 |
| X. Um Sucessor                                                                  | 305 |
| XI. Alguns Assuntos do Coração                                                  | 310 |
| XII. Mais Aves de Rapina                                                        | 321 |
| XIII. Um Solo e Um Duetto                                                       | 334 |
| XIV. Uma Decisão Firme                                                          | 347 |
| XV. Até Agora Tudo Resolvido                                                    | 358 |
| XVI. Celebração de Um Aniversário                                               | 373 |
| Livro III — Uma Longa Ruela                                                     |     |
| I. Locatários em Situações Díficeis                                             | 385 |
| II. Um Amigo Respeitado num Novo Aspecto                                        | 396 |
| III. O Mesmo Amigo Respeitado Considerado em Mais do Que<br>Um Aspecto          | 405 |
| IV. Um Feliz Aniversário                                                        | 410 |
| V. O Lixeiro Dourado Cai em Má Companhia                                        | 421 |
| VI. O Lixeiro Dourado Cai em Piores Companhias                                  | 434 |
| VII. Uma Forte Jogada dos Dois Amigos                                           | 448 |
| VIII. O Fim de Uma Longa Jornada                                                | 459 |
| IX. Alguém É Alvo de Uma Profecia                                               | 470 |
| X. À Procura                                                                    | 484 |
| XI. Nas Trevas                                                                  | 496 |
| XII. Conspirações                                                               | 504 |
| XIII. Pela Má Fama Nos Perdemos                                                 | 512 |
| XIV. O Senhor Wegg Prepara Uma Pedra de Amolar para o Nariz do<br>Senhor Boffin | 521 |
| XV. O Lixeiro Dourado na Pior das Disposições                                   | 532 |
| XVI. O Festim dos Três Duendes                                                  | 545 |
| XVII. Um Coro Social                                                            | 558 |
| Livro IV — Um Desvio                                                            |     |
| I. Montando Armadilhas                                                          | 569 |
| II. A Pequena Ascensão do Lixeiro Dourado                                       | 579 |
| III. O Lixeiro Dourado Afunda-Se Outra Vez                                      | 587 |
| IV. Em Fuga para Casar                                                          | 596 |
| V. Acerca da Noiva do Mendigo                                                   | 605 |
| VI. Um Grito de Socorro                                                         | 618 |
| VII. Mais Vale Ser Abel do que Caim                                             | 630 |
| VIII. Alguns Grãos de Pimenta                                                   | 640 |
| IX. Dois Lugares Vagos                                                          | 649 |
| X. A Modista de Bonecas Descobre Uma Palavra                                    | 659 |
| XI. A Consequência da Descoberta da Modista de Bonecas                          | 665 |

|                                                                        |         |
|------------------------------------------------------------------------|---------|
| XII. A Sombra Que Passa                                                | 676     |
| XIII. Mostrando como o Lixeiro Dourado Ajudou a<br>Dispersar as Cinzas | 688     |
| XIV. Xeque-Mate numa Jogada Amigável                                   | 697     |
| XV. Aquele Que Foi Apanhado nas Suas Armadilhas                        | 707     |
| XVI. Pessoas e Coisas em Geral                                         | 716     |
| Último Capítulo. A Voz da Sociedade                                    | 727     |
| <br>Posfácio — Em Vez de Prefácio                                      | <br>733 |
| <br>Notas                                                              | <br>735 |

## O Amigo Comum



# LIVRO I

## ENTRE O DIZER E O FAZER

## MUITA COISA HÁ QUE VER

### CAPÍTULO I

#### De Atalaia

Nos nossos dias, não interessa o ano, ao cair de uma tarde de Outono, um bote sujo e com mau aspecto flutuava no rio Tamisa entre a Ponte de Southwark, que é de ferro, e a Ponte de Londres, que é de pedra.

Nele estavam duas pessoas: um homem forte com cabelo desganhado e grisalho, o rosto queimado pelo sol, e uma rapariga morena com dezano-ve ou vinte anos, tão parecida com ele que se percebia de imediato ser sua filha. Esta manejava um par de remos com agilidade; o homem, segurando as cordas bambas do leme e com as mãos descontraídas na cinta, perscrutava o rio com um olhar atento e ávido. Como não tinha rede, anzol ou fio de pesca, não podia ser pescador; como no bote não havia uma almofada para um passageiro se sentar, não estava pintado, nem tinha qualquer inscrição ou qualquer outro acessório a não ser uma argola ferrugenta e uma corda enrolada, não podia ser um barqueiro; como o bote não passava de um xaveco e era pequeno para transportar carga, não podia ser um arrais. Era impossível saber-se o que procurava com aquele olhar atento e penetrante. A maré, que tinha mudado uma hora antes, descia, e o seu olhar continuava a observar todos os fluxos e redemoinhos de amplas espirais, quando o bote avançava de proa contra a corrente ou era arrastado de popa, de acordo com as indicações que ele dava à filha com um movimento de cabeça. Ela vigiava o rosto do pai atentamente enquanto ele vigiava o rio. Mas no olhar intenso da jovem havia sinais de medo ou de horror.

O barco parecia mais estar no fundo do rio do que à sua superfície, devido ao lodo que o cobria, e aquelas duas pessoas faziam obviamente o que muitas vezes faziam, procurando ali o que frequentemente procuravam. No homem, de cabeça descoberta, havia qualquer coisa de selvagem: o cabelo emaranhado, as barbas e suíças espessas, as mangas da camisa arregaçadas acima do cotovelo e um nó lasso de um lenço, ainda

mais lasso, caído sobre o peito nu; o vestuário parecia ser feito do lodo que enegrecia o bote. No entanto, o seu olhar fixo e atento denunciava uma tarefa que lhe era habitual. O mesmo se notava na rapariga: movimentos ágeis, pulsos flexíveis no manejo dos remos e talvez o medo ou o horror espelhados no seu olhar revelassem ainda mais a execução de uma tarefa também usual.

«Sai da corrente, Lizzie. Aqui é forte. Atenção à maré.»

Confiante na destreza da rapariga e sem recorrer ao leme, este homem observava a maré com toda a atenção. Por isso a rapariga olhava para ele. Mas, por um acaso, um raio oblíquo do sol-poente incidiu no fundo do bote sobre uma mancha odiosa, semelhante ao contorno de uma forma humana, envolta em qualquer coisa, dando-lhe uma tonalidade de sangue diluído, o que atraiu a sua atenção, fazendo-a estremecer.

«Que tens?», perguntou o homem, imediatamente ciente do que se tratava, embora sempre atento à corrente. «Não vejo nada a flutuar.»

A luz avermelhada desaparecera, o tremor desaparecera e o olhar dele, que se voltara momentaneamente para o bote, desviou-se de novo para o rio. Sempre que a água tumultuosa encontrava qualquer obstáculo, o olhar fixo parava por um instante. As amarras, cada bote ou lancha parados que dividissem a corrente como a ponta nítida de uma seta, os rebordos dos molhes da Ponte de Southwark, as pás dos barcos a vapor conforme embatiam na água imunda, os barrotes de madeira emersos e amarrados próximo de certos molhes, faziam com que o seu olhar brilhasse avidamente. Mais ou menos uma hora depois de escurecer, as cordas do leme retesaram-se e o bote virou bruscamente na direcção do pontão de Surrey.

Sempre atenta à cara do pai, a rapariga respondeu prontamente com os remos; o bote deu uma volta, estremeceu como se tivesse levado uma repentina sacudidela, e o tronco do homem inclinou-se para fora sobre a popa.

A rapariga puxou o capuz da capa para a frente de modo a tapar o rosto, voltando-se na direcção da corrente e mantendo o bote nesse sentido. Até agora o bote seguira sempre o mesmo rumo, tendo rondado um pontão; mas as margens mudavam rapidamente, as sombras acentuavam-se, as luzes da Ponte de Londres tinham ficado para trás e havia filas de barcos ancorados nas duas margens.

Só agora o tronco do homem se endireitou no bote. Tinha os braços sujos de lodo e lavou-os. Segurava qualquer coisa na mão direita que também lavou no rio. Era dinheiro. Fê-lo tilintar imediatamente, soprou-o uma vez e cuspiu-lhe em cima — «para dar sorte», disse com voz rouca — antes de o guardar no bolso.

«Lizzie!»

A rapariga, sobressaltada, voltou a cara para ele continuando a remar em silêncio. Tinha o rosto pálido. Ele, com o seu nariz adunco, olhos brilhantes e cabelo desgrenhado, tinha uma certa semelhança com uma ave de rapina agitada.

«Tira isso da cara.»

Ela pôs o capuz para trás.

«Vem para aqui e passa-me os remos. Eu faço agora o resto do turno.»

«Não, não, pai! Não! Não consigo, pai! Não consigo sentar-me tão perto disso!»

Fez um movimento para trocar de lugar, mas com aquele queixume aterrorizado deixou-se ficar no mesmo sítio.

«Que mal te pode fazer?»

«Nenhum, nenhum. Mas não consigo.»

«Desconfio que até odeias o próprio rio.»

«Não, pai, não gosto.»

«Como se não fosse o teu pão! Como se não fosse a carne que comes e a água que bebes!»

Com estas últimas palavras a rapariga estremeceu e parou de remar por uns segundos, parecendo exausta. Isto escapou à atenção do pai, que olhava para qualquer coisa que o bote levava a reboque.

«Como é que podes ser tão ingrata para o teu melhor amigo, Lizzie? Até a lareira que te aqueceu quando ainda eras bebé foi apanhada do rio ao longo das barcas de carvão. Até o próprio cesto em que dormiste, foi trazido pela maré. As próprias embaladeiras que lhe pus para fazer dele um berço, foram cortadas de um pedaço de madeira que veio à deriva de um barco qualquer.»

Lizzie tirou a mão direita do remo para a levar aos lábios e estendeu-a carinhosamente para o pai; de seguida, sem uma palavra, continuou a remar, enquanto um outro bote de aspecto semelhante, embora em muito melhor estado, surgia da escuridão e mansamente se colocava ao lado.

«Com sorte outra vez, Gaffer?», disse o homem estrábico que manejava um par de remos e estava sozinho. «Sabia que estavas outra vez com sorte pela esteira que deixavas atrás.»

«Ah!», respondeu o outro secamente. «Então sempre vieste, não foi?»

«Claro, sócio.»

Um luar amarelo-pálido iluminava o rio, e o recém-chegado, mantendo o seu bote ligeiramente recuado do primeiro, olhava com um ar duro para a esteira deste.

«Assim que te vi, disse cá para mim: “O Gaffer tem qualquer coisa em vista, está acolá e com sorte, caramba, ou não fosse ele...” É gingar, parceiro! Não te preocupes que não lhe vou tocar.» Esta foi a resposta a um movimento rápido e impaciente da parte de Gaffer, ao mesmo tempo

que tirava o remo daquele lado e punha a mão na borda do bote de Gaffer, segurando-o.

«Tanto quanto posso ver, já levou tarefa que chegue, camarada! Foi batido por muitas marés, não achas, parceiro? Ando com pouca sorte... Deve ter passado por mim quando subiu a última vez, pois eu estava aqui de atalaia debaixo da ponte. Até parece um abutre a farejá-los, parceiro.»

Falava em voz baixa, lançando os olhos, mais do que uma vez, para Lizzie, que puxara de novo o capuz. Ambos os homens olhavam com um interesse estranho e sinistro para a esteira do primeiro bote.

«Entre nós os dois é fácil. Queres que o ponha no bote, parceiro?»

«Não», respondeu Gaffer num tom de voz tão duro que o outro ficou perplexo. Quando recuperou, fez esta pergunta incisiva:

«Não tens andado a comer qualquer coisa que te caia mal, parceiro?»

«Olha, tenho», disse Gaffer. «Tenho andado a engolir *parceiro* há tempo de mais. Não sou teu parceiro.»

«Desde quando é que não és meu parceiro, excelentíssimo Gaffer Hexam?»

«Desde que foste acusado de roubar um homem. Acusado de roubar um homem vivo!», disse Gaffer indignado.

«E se tivesse roubado um morto, Gaffer?»

«*Não* conseguias.»

«E tu, não conseguias, Gaffer?»

«Isso não é roubar. Para que é que um morto quer dinheiro? É possível um morto ter dinheiro? A que mundo pertence um morto? Ao outro mundo. A que mundo pertence o dinheiro? A este. Como é que o dinheiro pertence a um cadáver? Um cadáver pode tê-lo, querê-lo, gastá-lo, reclamá-lo, sentir-lhe a falta? Não tentes confundir o bem e o mal das coisas dessa maneira. Mas só quem é covarde rouba um homem vivo.»

«Vou dizer-te o que é...»

«Não, não dizes. Eu é que te vou dizer o que é. Ficaste preso pouco tempo por teres metido a mão no bolso de um marinheiro, um marinheiro vivo. Tiveste sorte e dá-te por feliz. Mas não penses que, depois disso, me vens com os teus *parceiros*. Trabalhámos juntos no passado, mas no presente já não, nem sequer no futuro. Larga. Põe-te a milhas!»

«Gaffer! Se pensas que te livras de mim assim...»

«Se isto não chegar para me livrar de ti, há outra maneira: corto-te os dedos com a perna ou apanho-te a cabeça com o arpão. Afasta-te. Vamos, Lizzie. Para casa, visto que não me deixas remar.»

Lizzie começou a remar com mais força e o outro bote ficou para trás. O pai de Lizzie, recompondo-se e satisfeito por ter defendido elevados princípios morais e tomado uma posição inatacável, acendeu vagarosamente o cachimbo, fumou e deu uma vista de olhos ao que rebocava. Por

vezes, quando o bote encontrava um obstáculo, aquilo que era rebocado investia contra ele de uma maneira terrível e, outras, parecia tentar afastar-se, embora a maior parte das vezes o seguisse submissamente. Um noviço poderia imaginar que a ligeira ondulação passando-lhe por cima se assemelhava a ligeiras mudanças de expressão num rosto sem olhos; mas Gaffer não era noviço e não tinha fantasias.

## CAPÍTULO II

### O Homem de Nenhores

O senhor e a senhora Veneering eram habitantes novinhos em folha numa casa novinha em folha num bairro de Londres novinho em folha. Tudo à volta dos Veneerings era reluzente e novo. Toda a mobília era nova, todos os amigos eram novos, todos os criados eram novos, a baixela era nova, a carruagem era nova, os arreios eram novos, os cavalos eram novos, os quadros eram novos, eles próprios eram novos, estavam tão recentemente casados quanto o permitia legalmente o nascimento de um bebé que também era novo. Se tivessem trazido um bisavô, este teria regressado envolto em esteiras dos armazéns Pantechnicon<sup>1</sup> sem um risco, envernizado dos pés à cabeça.

Na residência dos Veneerings, desde as cadeiras do vestíbulo com o novo brasão, até ao pianoforte mais moderno e, no andar de cima, até à saída de emergência, tudo estava num estado de perfeitos envernizamento e polimento. O que se via na mobília observava-se também nos seus moradores, cuja superfície, ligeiramente viscosa, cheirava exageradamente a loja de móveis.

Havia um inocente móvel de sala de jantar que andava silenciosamente sobre rodinhas e que, quando não estava a ser utilizado, era colocado por cima de uma cocheira de aluguer na Duke Street em St. James. Para ele os Veneerings eram uma fonte de constante inquietação. Twemlow, o nome desta inocente peça de mobiliário, por ser primo direito do Lord Snigsworth, era requisitado com frequência e, em muitas famílias, poder-se-ia dizer que simbolizaria habitualmente a mesa de jantar. O senhor e a senhora Veneering, por exemplo, ao planearem um jantar, começavam habitualmente por Twemlow e, de seguida, acrescentavam-lhe tábuas, isto é, os convidados: por vezes, a mesa era composta por Twemlow e meia dúzia de tábuas; outras, Twemlow e uma dúzia de tábuas; e, noutras, atingia-

-se a extensão máxima da mesa com vinte tábuas. Em ocasiões de cerimónia, o senhor e a senhora Veneering sentavam-se em frente um do outro a meio da mesa, mantendo assim o paralelismo; sempre que tal acontecia, Twemlow era afastado para a cabeceira, ficando mais perto do aparador, numa das extremidades da sala, ou dos cortinados da janela, na outra.

Mas não era isto que confundia a pobre cabeça de Twemlow, pois já estava habituado a este ritual que lhe dava ocasião de reflectir um pouco. O abismo, cuja profundidade não conseguia descobrir e que o obcecava e dificultava cada vez mais a sua existência sem encontrar uma resposta, era a insolúvel questão de saber se era o mais antigo ou o mais recente amigo de Veneering. O inofensivo cavalheiro dedicara-lhe já muitas horas de ansiedade nos seus aposentos sobre a cocheira alugada, e na fria obscuridade tão favorável à meditação da Praça St. James. Conhecera Veneering no seu clube, onde nessa altura este não conhecia ninguém a não ser o indivíduo que os apresentara há dois dias e parecia ser o amigo mais íntimo que tinha no mundo. A perversa conduta da gerência relacionada com a confecção do filete de vitela, o que acidentalmente ocorrera nessa altura, fora o laço de união entre estas almas. Imediatamente após este encontro, Twemlow recebeu um convite para jantar e aceitou; o outro indivíduo estava presente. Depois recebeu novo convite para jantar com o mesmo indivíduo, e também aceitou: Veneering fazia parte do grupo. Nesse jantar estavam presentes um Deputado, um Engenheiro, um Funcionário das Finanças, um Poema sobre Shakespeare, uma Injustiça e um Funcionário Público. Nenhum parecia conhecer os Veneerings. Após este último encontro, Twemlow recebeu outro convite para jantar lá em casa expressamente para conhecer o Deputado, o Engenheiro, o Funcionário das Finanças, o Poema sobre Shakespeare, a Injustiça e o Funcionário Público. Durante o jantar, descobriu que todos eram os amigos mais íntimos que os Veneerings tinham no mundo, e que as mulheres de todos eles (estavam lá todas) eram objecto das mais extremosas manifestações de afecto e confiança por parte da senhora Veneering.

Sozinho nos seus aposentos, Twemlow pensara para consigo levando a mão à testa: «Nem quero pensar mais nisto. É o suficiente para dar cabo da cabeça a qualquer um.» Mas não conseguia ultrapassar aquilo que o obcecava ou chegar a uma conclusão.

Esta noite os Veneerings dão um banquete. Twemlow está na décima primeira tábua; catorze no total. Quatro criados empertigados, mas sem libré, estão alinhados no vestíbulo. Um quinto subindo as escadas com um ar fúnebre como quem dissesse: «Mais um infeliz que vem jantar; a vida é assim!» E anuncia: «O senhor Twemlow!»

A senhora Veneering dá as boas-vindas ao encantador Twemlow. Veneering dá as boas-vindas ao seu caro amigo Twemlow. A senhora Veneering

ring não espera que Twemlow esteja muito interessado por coisas tão fúteis como um bebé, mas um velho amigo deve sentir algum prazer em vê-lo. «Ah! Tootleums, vais gostar de conhecer o nosso amigo de família», diz Veneering, com um aceno carinhoso para aquele novo objecto, «quando fores mais crescido.» Seguidamente, pede licença para apresentar o querido amigo Twemlow a dois amigos, o senhor Boots e o senhor Brewer, sem que consiga distinguir um do outro.

Mas, neste momento, ocorre um tremendo incidente.

«Os senhores Podsnap!»

«Minha querida», diz Veneering para a mulher num tom de voz carinhoso enquanto a porta permanece aberta, «eis os Podsnaps.»

Um homem possante, de sorriso rasgado e vivacidade exuberante, aparece com a mulher, que imediatamente abandona para se precipitar sobre Twemlow: «Como está? Tenho muito prazer em o conhecer. Tem aqui uma casa encantadora. Espero que não estejamos atrasados. Estou encantado com esta oportunidade!»

Após o primeiro choque, Twemlow, nos seus sapatinhos limpos e meias de seda lavadas e fora de moda, recuou um passo por duas vezes, como se tivesse sido impelido a saltar por cima de um sofá atrás dele; mas o possante homem, provando ser muito mais forte, impediu-o de o fazer.

«Permita-me», diz o homem gordo, tentando atrair a atenção da mulher, «dê-me o prazer de apresentar a minha mulher ao anfitrião. Vai ficar...», com a sua exuberante vivacidade parece encontrar um vigor e uma juventude eternos nestas palavras, «vai ficar encantada com esta oportunidade!»

Entretanto, a senhora Podsnap pretende corrigir a falta de tacto do marido. Sendo ali a senhora Veneering a única outra senhora, esforça-se por corrigir com elegância o erro do marido e, ao olhar para Twemlow, compadecida e comovida, comenta primeiro com a senhora Veneering que ele tem ar de quem está a passar mal do fígado e, depois, que o bebé já tem muitos traços do pai.

O prazer em se ser confundido com qualquer outra pessoa é questionável; mas o senhor Veneering, tendo nessa mesma noite ajeitado a frente da camisa do pequeno Antinoo<sup>2</sup> (confeccionada com uma nova cambraia bordada), não se sente elogiado por julgarem que é Twemlow, seco e engelhado e uns trinta anos mais velho. A senhora Veneering ressent-se igualmente com a imputação de ser a mulher de Twemlow. Quanto a Twemlow, tem plena consciência de vir de melhores famílias do que Veneering e, por isso, considera o homem gordo um grosseirão.

Neste complicado dilema, o senhor Veneering dirige-se ao homem gordo de mão estendida e, sorridente, assegura àquela incorrigível personagem que está encantado por se encontrarem. O outro, com a sua exuberância habitual, de imediato lhe responde:

«Muito obrigado. Sinto-me embaraçado porque, de momento, não me recordo onde nos conhecemos, mas estou muito feliz com esta oportunidade, pode ter a certeza.»

De seguida, precipita-se sobre Twemlow, que tenta afastar-se com toda a sua frágil energia e que é arrastado à força para ser apresentado como sendo Veneering à senhora Podsnap, no momento em que a chegada de mais convidados desfaz o equívoco. Após isto, tendo reapertado a mão de Veneering como Veneering, reapertado uma segunda vez a mão de Twemlow como tal, conclui para sua total satisfação, dirigindo-se a este último: «Uma situação ridícula... mas estou satisfeito, não haja dúvida!»

Neste momento, Twemlow, após esta terrífica experiência, repara na fusão de Boots com Brewer, e Brewer com Boots; observa que, entre os últimos sete convidados, quatro entram discretamente e abstêm-se de cumprimentar Veneering até este se aproximar e lhes estender a mão. Tirando partido destes episódios, Twemlow conclui que é realmente o amigo mais antigo de Veneering. Mas toda esta certeza se dissipa ao deparar com Veneering e o homem gordo, muito juntos, como irmãos gémeos, na sala de visitas das traseiras junto da porta da estufa, e ao ouvir a voz da senhora Veneering dizer que ele será o padrinho do bebé.

«O jantar está na mesa!»

Assim anunciou o melancólico criado, como quem dissesse: «Desçam e envenenem-se, infelizes filhos dos homens!»

Twemlow, não lhe tendo sido destinada qualquer senhora, desce atrás de todos, com a mão direita na testa. Boots e Brewer, julgando-o indisposto, sussurram: «Está fraco. Não almoçou.» Mas está apenas aturdido com a invencível tormenta da sua existência.

Reanimado pela sopa, Twemlow disserta calmamente com Boots e Brewer sobre o Diário da Corte. Veneering, durante o prato de peixe, interpela-o sobre a debatida questão de o seu primo, Lorde Snigsworth, estar ou não na cidade. Responde que o primo está fora da cidade. «Em Snigsworthy Park?», pergunta Veneering. «Em Snigsworthy», responde Twemlow. Boots e Brewer consideram que devem relacionar-se com ele; e Veneering tem a certeza de que ele é um objecto vantajoso. Entretanto, o criado aproxima-se dos convidados, como um sombrio Químico, parecendo sempre querer dizer, depois de perguntar «Chablis, senhor?»: «Não íeis querer se soubésseis de que é feito.»

Por cima do aparador, o grande espelho reflecte a mesa e os convivas. Reflecte o novo brasão dos Veneerings, o ouro e a prata, foscos e cinzelados, um camelo que serve para tudo. O Colégio Heráldico<sup>3</sup> descobriu um antepassado de Veneering que fora cruzado e tinha um camelo no escudo (ou poderia ter tido, se tivesse pensado nisso); e uma caravana de camelos

traz consigo os frutos, as flores e as velas e um ajoelha-se para ser carregado de sal. O mesmo espelho reflecte Veneering: quarenta anos, cabelo ondulado, moreno, com tendência para a corpulência, astuto, misterioso, vigilante — uma espécie de profeta suficientemente disfarçado e bem-parecido, sem fazer profecias. Reflecte a senhora Veneering, de tez clara, nariz aquilino, bem-arranjada, o cabelo não tão claro como poderia ser, deslumbrante no vestuário e jóias, bem-disposta, conciliadora, consciente de que um manto protector do marido está sobre ela. Reflecte Podsnap, com boa aparência, duas asas pequenas, hirsutas e louras, uma de cada lado da cabeça calva, mais semelhantes a escovas de cabelo do que a cabelo, pequenas borbulhas vermelhas na testa, um enorme colarinho muito amarrotado atrás. Reflecte a senhora Podsnap; uma mulher atraente para o professor Owen<sup>4</sup>, ossos volumosos, pescoço e narinas de cavalinho de baloiço, feições duras, chapéu imponente onde Podsnap pendurou presentes dourados. Reflecte Twemlow: grisalho, seco, delicado, susceptível ao vento leste, com colarinho e gravata à moda de Jorge IV — conhecido como o «Primeiro Cavalheiro da Europa» —, faces contraídas como se tivessem feito um grande esforço para se recolherem em si mesmas a fim de recuarem alguns anos e tivessem aí parado não podendo ir mais longe. Reflecte uma jovem senhora já madura: caracóis brilhantes como um corvo, uma tez que se anima quando bem empoada, como está agora, sem desistir de cativar um jovem e circunspecto cavalheiro, com demasiado nariz no rosto, suíças demasiado ruivas, volumoso tronco enfiado no colete, demasiado brilho nos botões de punho, nos olhos, nos botões da camisa, na conversa, nos dentes. Reflecte a encantadora e velha Lady Tippins à direita de Twemlow com um rosto velho, imenso, baço e oblongo como se fosse visto numa colher, e na cabeça a Longa Alameda<sup>5</sup> pintada por onde se pode subir até ao totó de cabelo postiço na nuca, satisfeita por dar toda a atenção à senhora Veneering sentada à sua frente e que está satisfeita por a receber. Reflecte um tal Mortimer, outro dos amigos mais antigos de Veneering, que nunca estivera lá em casa e parece não querer voltar, que se senta desanimado à esquerda da senhora Veneering e que foi persuadido por Lady Tippins (uma amiga de infância) a vir a casa desta gente para conversar, mas que não o vai fazer. Reflecte Eugene, amigo de Mortimer: sepultado vivo nas costas da cadeira, por detrás de um ombro tão cheio de pó-de-arroz que parece uma dragona e que é da circumspecta e jovem senhora, melancólica, socorrendo-se da taça de champanhe sempre que lhe é oferecida pelo criado, o Químico. Finalmente, o espelho reflecte Boots e Brewer e dois outros entulhados Buffers presentes ou prováveis.

Os jantares dos Veneerings são sempre excelentes — senão os novatos não viriam — e tudo corre bem. Lady Tippins, notavelmente, fez uma série de experiências com as suas funções digestivas, tão complicadas e ousa-

das que, se pudessem ser publicadas com os resultados, iriam beneficiar a raça humana. Tendo colhido provisões de todas as partes do mundo, este corajoso e velho cruzador tocou, por último, no Pólo Norte; e enquanto os pratos gelados estão a ser tirados, deixa sair as seguintes palavras:

«Asseguro-lhe, meu caro Veneering...», e o infeliz Twemlow leva a mão à testa, pois parece-lhe agora que Lady Tippins vai ser a amiga mais antiga. «Asseguro-lhe, meu caro Veneering, que é o caso mais estranho! Não lhe peço que confie em mim, como na publicidade, sem que eu ofereça uma referência que mereça confiança. Mortimer conhece o caso e é a minha referência.»

Mortimer ergue as pálpebras descaídas e abre a boca ligeiramente, mas um débil sorriso, exprimindo «Para quê?» percorre-lhe o rosto, e deixa descair as pálpebras e fecha a boca.

«Atenção, Mortimer», diz Lady Tippins, batendo com as varas do leque fechado nos nós dos dedos da sua mão esquerda — que é particularmente abundante em nós —, «insisto que diga tudo que sabe sobre o homem da Jamaica.»

«Dou-lhe a minha palavra de que nunca ouvi falar de qualquer homem da Jamaica, a não ser do homem que era seu irmão<sup>6</sup>», responde Mortimer.

«Então, de Tobago.»

«Nem sequer de Tobago.»

«Excepto», intervém Eugene tão inesperadamente que a jovem já madura, que entretanto o esquecera completamente, retira num sobressalto a dragona junto dele, «excepto aquele nosso amigo que se alimentou tanto tempo de arroz-doce e gelatina de peixe que, finalmente, por qualquer motivo, o médico conversou com ele, e uma perna de carneiro passou a ser o prato diário.»

Uma animação revitalizante percorre a mesa porque Eugene finalmente está a desabrochar, mas para frustração geral está de novo a esconder-se.

«Agora, minha querida senhora Veneering», exclama Lady Tippins, «queria que me dissesse se esta é ou não a conduta mais ignóbil alguma vez vista neste mundo? Levo comigo os meus admiradores, dois ou três de cada vez, com a condição de serem muito obedientes e dedicados; e aqui está o meu principal e mais antigo admirador, o chefe de todos os meus escravos, a fugir à sua submissão perante a sociedade! E aqui está um outro dos meus admiradores, um Cymon<sup>7</sup>, ainda em bruto, mas de quem tinha as mais prometedoras esperanças com o decorrer dos tempos, fingindo ter-se esquecido das poesias de quando era criança! Fá-lo de propósito para me aborrecer. Sabe muito bem que são as minhas preferidas!»

Lady Tippins distingue-se por criar uma pequena e sinistra ficção acerca dos seus admiradores. Acompanham-na sempre um ou dois; tem uma

pequena lista com os seus nomes, onde toma nota de um novo admirador ou exclui um antigo ou põe outro na lista negra ou promove um para a lista azul, actualizando assim o livro. O casal Veneering está encantado com o seu humor. Talvez este encanto seja valorizado por um certo estre-mecimento vindo da garganta de Lady Tippins, semelhante ao esgaravatar das patas das aves.

«A partir de agora este traidor está banido e esta noite vou excluí-lo do meu Cupidon (o nome do meu registo, minha querida). Mas quero o relato completo desse homem de Nenhures. Rogo-lhe que me esclareça, minha querida», disse, dirigindo-se à senhora Veneering, «porque já não consigo nada dele. Oh, o pérfido!» Dirigia-se agora a Mortimer, brandindo o leque.

«Estamos todos muito interessados no homem de Nenhures», observa Veneering.

Então os quatro Buffers, ganhando todos coragem ao mesmo tempo, dizem:

«Profundamente interessados!»

«Excitadíssimos!»

«Dramático!»

«Talvez, um homem de Nenhures!»

E, então, a senhora Veneering — pois as palavras insinuantes de Lady Tippins são contagiosas — entrelaça as mãos como as crianças que suplicam, volta-se para o vizinho da esquerda, e diz: «Por favor! Conte lá! O homem de Não-sei-donde!»

Com isto os quatro Buffers, como que impulsionados em simultâneo por uma mola misteriosa, exclamam: «Impossível resistir!»

«Palavra de honra», diz Mortimer languidamente, «acho que é extremamente embaraçoso ter todos os olhos da Europa sobre mim até este ponto. O meu consolo é que os senhores todos vão execrar Lady Tippins do fundo dos vossos corações quando descobrirem, como vai inevitavelmente acontecer, que o homem de Nenhures é um maçador. Lastimo destruir o romance instalando-o num certo lugar, cujo nome me escapa, mas que toda a gente conhece, se disser que vem de onde se faz o vinho.»

Eugene sugere: «Day & Martin<sup>8</sup>.»

«Não, não é aí», responde o impassível Mortimer. «Aí faz-se o Porto. O meu homem vem de onde fazem o vinho do Cabo. Mas olhe, meu velho, não é um facto previsível, é muito estranho.»

Verifica-se que à mesa dos Veneerings não há quem se preocupe muito com os próprios Veneerings e, se tem qualquer coisa a dizer, di-lo de preferência, e regra geral, a qualquer outra pessoa.

«O homem», continua Mortimer, dirigindo-se a Eugene, «cujo nome é Harmon, era filho único de um velho e inveterado patife que fez dinheiro com cinzas.»